



A dependência química é o fator para o desenvolvimento de uma síndrome composta por uma série de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos que alteram os valores pessoais, familiares, laborais e sociais. É caracterizada principalmente por um estado de uso, descontrolado, compulsivo e incessável, da substância psicoativa, quase sempre, associado a sofrimento clínico, ocupacional ou social que gera prejuízos em diversas esferas da vida (CAPISTRANO *et al.*, 2018).

Estudos definem o consumo de drogas como uma prática intemporal, visto que sempre existiu na história da humanidade, havendo apenas variações na forma e na quantidade do uso, sendo este, o fator agravante do consumo, tornando-o exagerado e gerando dependência em longa escala. Antigamente a dependência química não era considerada como uma doença, a sociedade acreditava que a pessoa portadora tinha falta de vergonha, iniciativa, falta de vontade e por isso não conseguia cessar o uso de drogas.

O diagnóstico de dependência de substâncias atravessou uma longa evolução nas últimas décadas, já que deixou de ser apenas um sintoma e alcançou a representação de doença. O Manual Diagnóstico Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM III, 1980), trouxe uma relevante mudança no conceito inicial deste transtorno ao classificar o abuso de substâncias. Só em 1994, no DSM IV, o abuso de substância recebe o entendimento atual, ao trazer fundamentos de diagnóstico específicos, apontando para os diferentes níveis de dependência e a ocorrência da síndrome de dependência, baseada em sintomas e sinais que variam ao longo de todo o processo, trazendo junto o reconhecimento da psiquiatria como uma patologia que requer atenção, cuidados e um tratamento específico (FARINA *et al.*, 2013).

Em razão de ser uma problemática bastante complexa, na qual estão envolvidas diversas questões, deve-se compreender a dependência química como um transtorno biopsicossocial, em que os modelos de tratamentos necessitam de procedimentos multifacetados, incluindo estratégias de abordagem do problema, considerando elementos biológicos, psicológicos e sociais.



Uma vez que o dependente vive em uma relação de simbiose com a droga, as perdas e as destruições compõem um marco que faz parte tanto de sua vida, como da vida de seus familiares, e demais indivíduos que possuem relação, direta ou indireta, com ele. Toda a sociedade é vítima quando a questão é a dependência química, especialmente os adictos e seus familiares, pois sofrem perdas e prejuízos de forma direta e profunda, desde em sua saúde física, mental e social. Os familiares, em especial, sofrem devido a possuírem laços afetivos muito definidos e por serem vistos como corresponsáveis, de alguma forma, com a situação de desenvolvimento doentio.

É evidenciado o papel da família como um fator determinante à mudança comportamental e à adesão ao tratamento pelo dependente químico, de forma a beneficiá-lo. Isto pelo fato de que a atuação de forma ativa de familiares proporciona a percepção e sensibilização pelas dificuldades enfrentadas pelo dependente químico no processo de reabilitação, propiciando a inserção familiar no plano terapêutico do indivíduo (FERREIRA *et al.*, 2015).

Diante do apresentado, esta pesquisa se propõe a buscar relações entre a presença da família com a adesão do dependente químico ao plano de tratamento, para que possam justificar a importância do acolhimento familiar diante de uma situação de adição às drogas.

DESENVOLVIMENTO

Metodologia

A metodologia desta proposta de extensão universitária é de base qualitativa, entendendo que assim é possível abarcar a transitoriedade das relações sociais envolvidas no campo. Adotamos um viés construcionista, que entende a pesquisa enquanto prática social, de natureza processual, contextualizada e atravessada por conteúdos de poder, moral, políticos, teóricos e culturais. A compreensão de campo pauta-se enquanto multiplicidade de fazeres,



manhã e por vezes, sendo alteradas para o turno da tarde, das 13:00 às 17:00. Para tanto, recorre à formação em serviço de extensionista da área Medicina, Odontologia, Educação Física, Nutrição, Psicologia, Serviço Social, Enfermagem, todos devidamente supervisionados/as por preceptores.

Discussão de resultados: a experiência a partir do olhar do participante

Neste momento, busca-se aprender a importância do Amar, cidadãos invisíveis a partir das vivências dentro do projeto, tendo como base as impressões do autor participante do projeto. Além de relatar de forma indireta as vivências e entendimentos dos demais colaboradores que presenciam e compõem esses momentos.

Dentro desse intento, a participação dentro do projeto mostra-se bastante satisfatória e extremamente importante, pois à medida que permite obter um panorama geral das condições vividas pelas acolhidas da comunidade terapêutica, confere a aquisição de conhecimentos e habilidades para o curso acadêmico, algumas inclusive atuam como experiências de vida.

Após a realização de ações dentro do projeto, nota-se como resultados a descontração e a redução de estresse e ansiedade nos pacientes e acompanhantes, mesmo diante de dias sobrecarregados e desgastantes, como a distância de familiares, períodos de abstinência, momentos de leveza e distração se evidenciam.

A importância da presença da família é vista através do conforto, da paz e dos instantes de alegria que a visita dos parentes proporciona nas acolhidas. Ao mesmo tempo, muitas das acolhidas que ali estão foram abandonadas, e nessas mesmas tardes que para umas são de alegrias, para outras, momentos de reflexão, angústia e agonia. Através destes sentimentos exalados, é visto que o contato com seus familiares mostra como imensa valia para as beneficiárias do acolhimento.

Os encontros com a família é um artifício simples e reconfortante, mas que se mostra disponível apenas para algumas mulheres. Dentro do lar, mostra-se uma

V Jornada Acadêmica do HUPAA
Tecnologias em Saúde
27 - 29 de Novembro 2019



ação de potencial de integrar a experiência de estar em uma comunidade terapêutica como parte de seu próprio processo de reintegração própria e de readaptação de relações sociais, permitindo-lhe uma melhor adaptação e uma participação familiar mais ativa dentro do planejamento proposto.

A cada encontro realizado, confere-se aos extensionistas a permissão de um “descobrimento” interno do poder de oferecer atenção e cuidado. Isso colabora para desconstruir que apenas o domínio técnico resulta no sucesso do cuidado. Por meio de acontecimentos simples, porém distante de toda a habitualidade, o Amar, Cidadãos Invisíveis promove o pensamento crítico, o questionamento de práticas de intervenção, educativas, espirituais e de saúde dentro de uma esfera composta por uma parcela da população que permanece em constante e histórica marginalização.

O vínculo estabelecido entre alunos extensionistas com os preceptores do projeto e os funcionários do recinto, somado ao elo criado com as acolhidas é algo precioso e que representa a confiança conferida pela atividade exercida por cada um, e que atua trazendo ainda mais sentido e estímulo para a realização da missão assumida. A oportunidade de operar em estratégias de cuidar, educar e aprender em comunidade terapêutica reforça a perspectiva da humanização dentro da prática em saúde. Dentro da proposta do projeto Amar, cidadãos invisíveis, a contribuição é implicada para uma formação mais integral e proveitosa do curso de graduação, com a extensão e o contato direto com outros profissionais de saúde em práticas integradoras.

Dessa forma, a partir dos avanços em níveis pessoais e acadêmicos proporcionados ao aluno, compartilha-se a ideia de que a educação universitária de qualidade não pode consistir unicamente na transmissão de conhecimentos professor-aluno, e sim, pela complementação exercida pela orientação da formação de profissionais capazes de buscar seu próprio aprendizado a partir de experiências compartilhadas.



Discussão De Resultados: A Família Frente Ao Tratamento

Os membros da família são importantes para os dependentes de drogas, e os dependentes de drogas são importantes para sua família (LANDAU, 2004). A partir desta ideia, a aproximação da família funciona de forma benéfica na ajuda ao abusador de drogas para superar sua dependência.

Através de observações próprias, foi evidenciado que os momentos de carência extrema são sensações muito frequente entre as indivíduos que integram a comunidade terapêutica, a presença da família representa um norte para seu destino, além de ser um dos maiores motivos para querer se reerguer e mudar sua condição.

No processo de reabilitação, o dependente químico terá de estar em total aptidão para realizar mudanças em sua vida e nos comportamentos associados ao consumo de drogas no decorrer de toda a vida. A necessidade de vontade para sustentar todo o esforço empregado nas mudanças, bem como possuir e desenvolver habilidades cognitivas, emocionais e de conduta necessárias para alcançar tais mudanças.

Evidencia-se ainda o papel da família como um fator pressagiador à mudança comportamental e adesão ao tratamento pelo dependente químico, favorecendo-o. Isso se deve a oportunidade de percepção das dificuldades enfrentadas pelo dependente químico no processo de reabilitação, favorecendo a inserção da família neste projeto terapêutico (FERREIRA *et al.*, 2015).

O grande desafio que o dependente terá de enfrentar nesse percurso de rompimento com as drogas será a mudança de sua rotina que antes era centrada na substância causadora da dependência, e de agora em diante terá de substituir por novos hábitos e evitar o retorno aos comportamentos destrutivos anteriores. Para que isso aconteça, tanto o dependente, quanto a sua família precisarão de uma relação de apoio efetiva, reestabelecendo as relações e prezando que seja forte e possua uma ação catalizadora do processo terapêutico.

V Jornada Acadêmica do HUPAA
Tecnologias em Saúde
27 - 29 de Novembro 2019



CAPISTRANO, F. C. *et al.*, Impacto social do uso abusivo de drogas para dependentes químicos registrados em prontuários. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, v. 18, n. 3, p. 468- 74, 2013.

COELHO, I.; OLIVEIRA, M. H. B. de. Internação compulsória e crack: um desserviço à saúde pública. **Saúde debate**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 101, p. 359-367, jun. 2014.

FERREIRA, A. C. Z. *et al.*, Motivações de dependentes químicos para o tratamento: percepção de familiares. **Rev. Bras. Enferm.**, Brasília , v. 68, n. 3, p. 474-481, jun. 2015.

LANDAU, J. *et al.* O poder de números: O método ARISE para mobilizar família e redes para engajar abusadores de substância no tratamento. **Rev. Pensando Famílias**, v. 7, n. 6, p. 11-20, 2004.

MEDEIROS, K. T. *et al.* Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 269-279, jun. 2013.

SILVEIRA, C. da. *et al.*, Qualidade de vida, autoestima e autoimagem dos dependentes químicos. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 7, p. 2001-2006, jul. 2013.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós construcionista. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003.